

A APROPRIAÇÃO DO DISCURSO DAS IMAGENS EM SALA DE AULA: TERCEIRA EXPERIÊNCIA COM EDUCANDOS NA MODALIDADE EJA

THE APPROPRIATENESS OF THE IMAGE SPEECH IN CLASSROOM: THIRD EXPERIENCE WITH EDUCATIONAL IN THE MODEL EJA

Helga Valéria de Lima Souza / UnB

RESUMO

Esse trabalho apresenta o desenvolvido¹ – com educandos inseridos na modalidade de Ensino para Jovens e Adultos (EJA) de uma escola pública de Taguatinga - DF, no 2º ano do Ensino Médio (EM) de 2015 –, um exercício prático que indicou observações, reflexões e questionamentos *in loco* por parte da professora, culminando com respostas elaboradas imageticamente por meio da produção de mosaicos. Com essa prática buscou-se uma melhor assimilação do conteúdo curricular, além de projeção profissional, compreensão e comprometimento como agente ativo para a organização das aulas e da escola como um todo. Como resultado, percebeu-se, além do alcance dos objetivos desejados, um melhor envolvimento da turma no desenvolvimento das atividades escolares; na participação dos debates desenvolvidos; e, na manifestação de um rico repertório imagético.

PALAVRAS-CHAVE

Cultura Visual; Educandos da EJA; Ensino de Arte.

ABSTRACT

The present text aims to present how it was developed – with the students enrolled in the modality of Education for Youth and Adults, of a public school in Taguatinga - DF, in the classes of the 2nd year of High School, of the first half of 2015 –, a practical exercise, that appoints observations, reflections and questionings in loco on the part of the teacher, culminating with imaginatively elaborated responses through mosaic production. The objective was to better assimilate curricular content, professional projection, understanding and commitment as an active agent for the organization of classes and the school as a whole. As a result, it was realized, beyond the reach of the desired objectives, better involvement of the class in the development of school activities, in the participation of the debates and in the manifestation of a rich imaginary repertoire.

KEYWORDS

Visual Culture; Educandos of the EJA; Art Education.

Estudos teóricos

No contexto educacional contemporâneo, o educando pode ser compreendido como sendo o principal receptor de uma gama de “[...] conhecimentos que são conduzidos, através de todos os tipos de diferentes mídias, incluindo outros sentidos que não são visuais [...]” (ARANTES, 2015, p. 26), os quais, de modo direto ou indireto, os envolve em “[...] um universo visual e comunicativo riquíssimo, cheio de humor e ironia [...]” (AZAMBUJA, 2015) e, conseqüentemente, com um alto poder de sedução.

Foi a partir desse pensamento e orientada pela percepção surgida no cotidiano escolar junto aos educandos inseridos na modalidade de Ensino para Jovens e Adultos (EJA) – de uma escola pública de Taguatinga - DF, nas turmas do 2º ano do Ensino Médio (EM), do ano de 2015 –, que tal percepção foi desenvolvida. O contexto de análise é relativo ao uso das imagens enquanto objetos que possuem peso relevante nos processos de ensino e aprendizagem – assim como na formação de cidadãos –, entendidos como relevantes na necessidade de “[...] avançar na compreensão de como nos relacionamos e aprendemos a ser com aquilo que vemos e pelo qual somos vistos [...]” (HERNÁNDEZ, 2010, p. 31).

Desse modo, ao adentrar o cotidiano escolar – e, a partir desta consciência, direcionar o foco das atenções sobre os educandos inseridos na modalidade EJA – teve ênfase a consciência acerca da riqueza imagética existente em ambos – espaços e sujeitos –, por meio da proposição e do desenvolvimento de atividades práticas. Tais atividades focaram tanto para uma melhor assimilação do conteúdo curricular – incluindo a projeção profissional, a compreensão e o comprometimento dos educandos enquanto agentes ativos para a organização das aulas e da escola como espaço comunitário – quanto para a ampliação do diálogo existente entre alunos e alunos; alunos e professora. Incluindo o desenvolvimento de atividades embasadas nos estudos sobre a Cultura Visual – aqui entendida como ponte pela qual os educandos transitam, alcançando espaços onde ocorrem a produção e a

divulgação das imagens, bem como a assimilação de conteúdos educativos textuais, sonoros e visuais.

Para Paul Duncum, (2011, p. 21), as “[...] imagens são concebidas como táticas de poder, empregadas por facções sociais rivais em sua luta pela legitimação de valores e crenças [...]”. Embora essa proposição, a princípio, pareça exagerada, seu sentido se confirma quando, por exemplo, nos referimos ao incômodo ou à rejeição apresentada por diversas pessoas à adoção de certas visualidades – tais como alguns tipos de tatuagens; determinados modelos de vestimentas; a opção por certos estilos musicais ou cortes de cabelos – indicando, em diversos casos, discursos norteadores ou definidores de pertencimento a determinados grupos ou posicionamentos sociais.

Esses exemplos, geralmente adotados e definidos por questões subjetivas de “gosto por um estilo”, são indicativos de alinhamentos de ideias ou declaração de pertencimento a determinados grupos. No sistema formal de ensino, esses exemplos costumam encontrar barreiras humanas que percebem tais características como indicativos de rebeldia ou marginalidade. Na escola em questão, essa visão foi identificada nos discursos verbais de professores, de membros da equipe técnica e, também, entre educandos não adeptos de tais manifestações.

Essa visão, aqui entendida como pertencente ao senso comum, acaba por atribuir a tais indicativos um valor negativo que, ao se defrontar com as normas clássicas educacionais, geram atritos e tensões, os quais, por sua vez, geram tensões contrárias que agem como forças restauradoras dos padrões ameaçados.

Um exemplo visual desta luta de forças e tensões – materializadas imagetivamente – é a adoção do uniforme escolar. Como forma de minimizar essas questões conflituosas tornou-se comum e bem-visto, entre outras “regras do bom convívio”, a determinação do uso de uniforme escolar como item obrigatório para o ingresso em grande parte das escolas. O uniforme escolar também traz em si um discurso visual, focado na ideia de unificação ou na proposição de igualar sujeitos diversos, por meio

da geração de uma só imagem, anulando ou minimizando as especificidades naturais dos educandos.

Em sala de aula, podemos observar que interpretações positivas ou negativas dadas ao mesmo objeto estão diretamente relacionadas à bagagem de conhecimentos teóricos, ou vivenciados, que os alunos possuem em relação a esse mesmo objeto.

Um bom exemplo pode ser observado diante da reação negativa apresentada por uma aluna do 2º ano do EM, ao ser defrontada com a obra *Davi e a cabeça de Golias*, do artista plástico Caravaggio (1610). Na obra citada, o artista – que pertenceu ao movimento barroco ocorrido na península itálica, voltado à temática católica – retrata, de forma realista, uma passagem bíblica cujo relato resumido é indicado pelo nome dado à obra.

No exemplo em questão, em um primeiro momento a aluna impressionada com a força da imagem e rejeitando o convite para observar detalhadamente a obra, interpretou a imagem com gestos de repulsa – como se fosse uma “imagem demoníaca” –, relatando, ao ser questionada, não saber nada sobre a obra, sobre o movimento artístico ou sobre o artista em análise. Somente depois da explanação da professora – referente ao uso da imagem como instrumento educativo pela igreja católica, incluindo a temática da obra, o movimento e o artista –, é que a aluna optou por conferir a imagem dando-lhe, então, um valor positivo.



Figura 1 – Davi com a cabeça de Golias. Óleo s/tela, Caravaggio, 1610. Fonte: Google Imagens.

Em seu artigo – *Por que a arte educação precisa mudar e o que podemos fazer* –, Duncum (2011), destaca que:

[...] a cultura visual é bastante inclusiva, pois incorpora as belas-artes juntamente com a extensa gama de imagens vernáculas e midiáticas, imagéticas eletrônicas contemporâneas e toda a história da imagética produzida e utilizada pelas culturas humanas. (DUNCUM, 2011, p. 21)

Com essa observação, Duncum (2011) minimiza, mesmo que parcialmente, a fragmentação existente – e tão questionada – entre as disciplinas em geral e, com destaque, para a disciplina de Artes Visuais, sempre subdividida, ora por períodos históricos organizados cronologicamente, ora em movimentos artísticos indicados como independentes entre si e, não raramente, descontextualizados e surgidos a partir da manifestação de um dom pertencente a alguns poucos sujeitos especiais.

Práticas de sala de aula

Assim, diante do poder das imagens materializadas através de sua ampla produção, divulgação e mediação – para a produção de discursos e interpretações –, foi proposto, como uma das formas de diálogo em sala de aula, a possibilidade de atividades plásticas, ou seja, o desenvolvimento de atividades práticas relacionadas à produção de imagens, com ênfase na utilização do repertório visual dos educandos. Tais repertórios seriam construídos por suas trajetórias diárias e pelo grau de sua maturidade acerca do entendimento dos discursos apresentados nas imagens.

Com essa intenção foi desenvolvido, no decorrer do semestre, algumas atividades que possuíam caráter multi-conteudista, com ênfase na história da arte; no poder da imagem; na comunicação visual; e nos projetos pessoais para a formação profissional.

Em relação aos exercícios ofertados na disciplina de artes visuais – para as turmas do 2º ano/EM –, parte do conteúdo curricular se destinava ao entendimento e sobre o uso das imagens enquanto instrumento educativo no contexto da Idade Média. Assim, por meio do Barroco, foi desenvolvido o exercício da produção de mosaicos.

Para a construção de um mosaico, o qual poderia ser produzido com o material de preferência do educando ou, do qual ele tivesse maior disponibilidade, foram definidos os seguintes critérios: 1. Tamanho de, no mínimo, uma cartolina; 2. Produção individual. Para a avaliação da atividade foram indicados os seguintes critérios: apresentação pelo educando, individualmente, com descrição do processo de seleção de imagens; escolha do material; construção do mosaico e avaliação da proposta.

Como tema para a produção do mosaico, foi pedido que os educandos respondessem à seguinte pergunta: Qual seria a disciplina, ou qual seria a temática que você gostaria de estudar em sua escola, mas que não está sendo ofertada neste momento?

Em debate, no decorrer das apresentações dos trabalhos – de uns 35 mosaicos –, as análises desenvolvidas pelos educandos referentes às produções (respostas imagéticas), apontaram para temáticas relacionadas, em primeiro lugar, a profissões ou cursos, por exemplo, na área de informática (Figura 2), representando educandos ou profissionais fazendo uso de computadores.



Figura 2 – Mosaico em EVA e cartolina. Educando(a) do 2º ano, EM – modalidade EJA. Arquivo pessoal da autora, 2015.

Em segundo lugar, conforme debates desenvolvidos entre os educandos e professora, a temática em destaque focou a área da saúde (Figura 3), por meio da qual foram apresentadas imagens como, por exemplo, uma maleta com uma cruz vermelha, indicando o desejo por aulas de primeiros socorros ou de formação técnica em curso de enfermagem.

Em terceiro lugar, foi indicada a temática do meio ambiente, por meio de produções indicando, por exemplo, o símbolo da reciclagem (Figura 4), relacionado ao trabalho dos catadores de lixo. Essa proposta dialogou com o fechamento de um lixão

próximo à escola; com a poluição ambiental; com as ações de reciclagem por parte de algumas empresas – local em que alguns educandos trabalham – e a necessidade de projetos que foquem em uma educação para a diminuição da poluição do ambiente (cidade e campo), incluindo a separação dos lixos.

Em quarto lugar, foram destacadas as produções com temáticas artísticas, indicando – de acordo com as apresentações e análises das turmas – o desejo por aulas de música representado por um violão (Figura 5). Durante os debates em aula, o violão também simbolizou o desejo por aulas ou formação em canto, dança e teatro.



Figura 3 – Mosaico em EVA e cartolina. Educando (a) do 2º ano, EM – modalidade EJA. Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2015.



Figura 4 – Mosaico em papel alumínio e cartolina. Educando (a) do 2º ano, EM – modalidade EJA.
Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2015

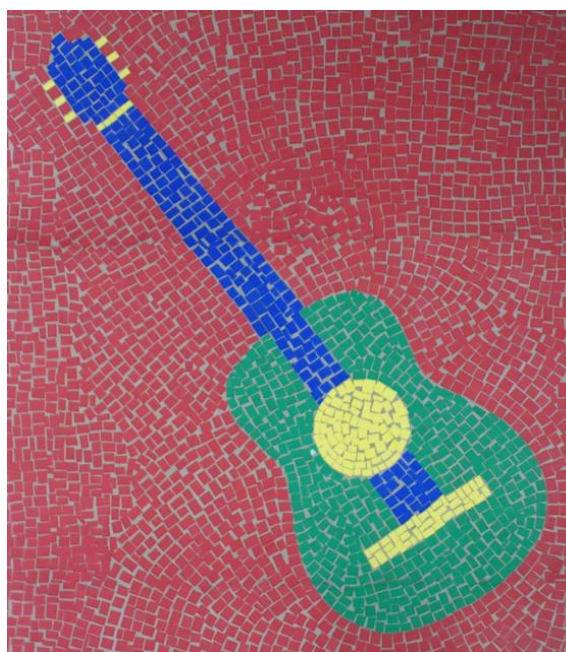


Figura 5 – Mosaico em EVA e cartolina. Educando (a) do 2º ano, EM – modalidade EJA. Fonte:
Arquivo pessoal da autora, 2015.

Ainda, na temática artística, os debates indicaram tanto o desejo de ser desenhista, pintor ou escultor, assim como as dificuldades e limites criados pela família; condição financeira; e preconceitos sociais surgidos a partir de imagens representativas das artes plásticas, tendo como exemplo, uma palheta (Figura 6).



Figura 6 – Mosaico em EVA e cartolina. Educando (a) do 2º ano, EM – modalidade EJA. Arquivo pessoal da autora. 2015.

Considerações finais

O uso das imagens em sala de aula, objetivando a geração de vias para a comunicação ou para a produção de discursos, amplia as possibilidades de comunicação e aprendizagens dos educandos.

Assim, diante da proposta de desenvolvimento de mosaicos como respostas imagéticas a questões que envolvem o cumprimento da grade curricular, destacam-se – pela relevante presença no cotidiano dos educandos – a culminância da proposta, a apresentação e as análises desenvolvidas pelas turmas relativas ao

processo ocorrido. As respostas também indicaram uma melhor assimilação do conteúdo da grade do 2º ano/EM, incluindo a retomada de conteúdos de outras séries, por exemplo, conteúdos de composição, formas, cores etc.

O objetivo de uma pedagogia dialógica que amalgama diversão e crítica não consiste em fornecer respostas definitivas, mas sim em levantar questionamentos, revelar dilemas e dar continuidade a uma conversa. Tal pedagogia crê no poder dos alunos e em sua capacidade de tomar decisões éticas. (DUNCUM, 2011, p. 26)

Também, pode-se destacar como resultado positivo um melhor envolvimento da turma no desenvolvimento das atividades escolares – por meio de ações de divisão e indicação de material e técnica para a produção dos mosaicos; e por uma maior participação nos debates. Tais apontamentos indicaram o interesse e as indicações entre os educandos, cuja ênfase foi dada ao desejo por aulas e profissões sonhadas, pelo desenvolvimento de projetos pessoais e a manifestação de um rico repertório imagético.

Notas

¹ O presente trabalho é parte integrante de uma pesquisa de mestrado (SOUZA, 2016) – defendida na Faculdade de Educação da UnB – e parte de um trio de atividades desenvolvidas a partir da adoção do uso das imagens enquanto discurso visual.

Referências

ARANTES, K. C Mendes. Ocupando o lugar do “Outro”: Cultura Visual e Experiências Docente. *In: Educação da cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa*. Raimundo Martins e Irene Tourinho (orgs.). Santa Maria: Ed. da UFMS, 2009.

AZAMBUJA, Renata. Catálogo de arte do CCBB. Deitei para repousar e ele mexeu comigo. **Texto da abertura da exposição**. CCBB. 2015

DUNDUM, Paul. Por que a arte-educação precisa mudar e o que podemos fazer. Tradução Gisele Dionísio da Silva. *In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs.). Educação da cultura visual: conceitos e contextos*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011.

HERNÁNDEZ, Fernando. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. Tradução Danilo de Assis Clímaco. *In: MARTINS, Raimundo;*

SOUZA, Helga Valéria de Lima. A apropriação do discurso das imagens em sala de aula: terceira experiência com educandos na modalidade EJA, *In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS*, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 605-616.



28º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas
Origens - Cidade de Goiás - 16 a 20 de setembro de 2019

TOURINHO, Irene (orgs.). **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011.

SOUZA, Helga. **Jovens na modalidade EJA na escola pública: auto definição de jovem e função das TDICEs**. 2016. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/22800>. Acesso em: 20 jan. 2019.

Helga Valéria de Lima Souza

Doutoranda em Educação e Tecnologias pela FE/UnB. Mestranda em Educação e Tecnologias pela FE/UnB. Licenciada em Artes Visuais pela FAV/UFG. Professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal – SEDF.

SOUZA, Helga Valéria de Lima. A apropriação do discurso das imagens em sala de aula: terceira experiência com educandos na modalidade EJA, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 605-616.